



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A indisciplina, as técnicas disciplinares e as formas de resistência na instituição escolar à luz da teoria foucaultiana

Autora: Suelen Oliveira de Brito

Universidade Federal da Paraíba – suelenbrito@outlook.com.br

Co- autora: Maria Luciane dos Santos Nascimento

Universidade Federal da Paraíba – mmarialluciane@hotmail.com

Orientadora: Professora Dr. Amanda Braga

Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba - braga.ufpb@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem por objetivo fazer uma análise comparativa do modo como a indisciplina se instaura em duas escolas de rede estadual nos municípios de Alhandra e Conde, ambos no estado da Paraíba, verificando as técnicas disciplinares impostas pelas escolas e como os alunos resistem aos mecanismos de exercício do poder disciplinar. Para isso, utilizamos como aporte teórico uma pesquisa bibliográfica que tem como base fundamental os apontamentos de Michel Foucault. Na coleta de dados, utilizamos: observações das aulas, entrevistas, gravações, fotos retiradas do ambiente escolar e de momentos das aulas em percurso. A partir desta pesquisa, podemos concluir que as técnicas disciplinares impostas pela escola persistiram ao longo do tempo, mas em uma contínua renovação, devido aos avanços do mundo globalizado elas se reinventaram, assim como as formas de resistência. Outro aspecto interessante analisado foram as relações de poder, as quais englobavam: diretor, professor, funcionário, aluno, todos sob um olhar vigilante expresso por uma hierarquia. Além disso, apesar da instituição escolar exigir disciplina, ela mesma contribui para que o contrário (a indisciplina) venha a ocorrer, entrando então em contradição com o controle disciplinar que requer da vida, dos movimentos e do corpo do indivíduo, para que assim consiga o seu “adestramento” e este saia da escola dócil e útil à sociedade capitalista em que vivemos.

Palavras chaves: Técnicas disciplinares, Escola, Aluno, Michel Foucault.



Introdução

Este artigo é resultado de uma pesquisa desenvolvida na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) na disciplina de *Pesquisa Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa*, a qual foi realizada na escola A₁, localizada no Município de Alhandra e na escola A₂, no Município do Conde, ambas no estado da Paraíba¹. O interesse pelo estudo surgiu mediante o contato com as escolas, pois ao adentrarmos a turma do 3º ano, noite, constituída de 17 alunos (escola A₁) e a turma do 2º ano regular, tarde, formada por 28 alunos (escola A₂), observamos que os discentes eram muito indisciplinados e os professores, por mais que quisessem controlá-los, não obtinham êxito em tal tentativa. Deste modo, nos questionamos sobre como é exercida a disciplina e como se dão as relações de poder no interior da escola atualmente, tendo em vista que na década de 70, Foucault já escrevia sobre o poder disciplinar que as instituições (entre elas a escola) exerciam sobre os indivíduos. E sendo assim, resolvemos fazer uma análise comparativa para compreender de que modo a indisciplina se instaura nas duas escolas, verificando as técnicas disciplinares impostas e como os alunos resistem ao poder disciplinar.

Segundo Foucault, “o poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor” (FOUCAULT, 2013, p. 164). Essa seria, então, a função da escola, “adestrar”, por isso, a escola seria uma instituição de poder tão poderosa quanto as prisões e os quartéis, uma vez que torna os indivíduos dóceis e úteis, levando-a a ser “uma das instituições que mais exercita e mantém o controle disciplinar” (CRUZ; FREITAS, 2001, p.47).

Mas será que esta escola que disciplina, uniformiza, ainda existe? Até que ponto a escola controla os alunos? Será que os alunos obedecem sempre a esse sistema ou buscam artifícios para burlá-lo? E a autoridade do professor, realmente se efetiva na sala de aula?

Foi a partir de questionamentos como estes que iniciamos nossa pesquisa, a fim de sabermos de que forma a teoria foucaultiana se reafirma nos dias atuais na instituição escolar.

Metodologia

¹ A pesquisa manterá em sigilo tanto o nome das escolas, quanto o nome dos atores sociais envolvidos.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Para que atendêssemos aos objetivos da pesquisa, fizemos usos de vários recursos, entre eles, uma pesquisa de campo qualitativa tendo por bases consultas bibliográficas, o que nos concedeu o aporte teórico necessário para análise dos dados. Utilizamos na coleta de dados: anotações de observações de aulas, entrevistas direcionadas tanto aos professores quanto a três alunos de cada turma, gravações, fotos retiradas do ambiente escolar, da sala de aula e de momentos das aulas em percurso, além de conversas informais com alunos e funcionários feitas quando surgia alguma dúvida. Sendo assim, analisamos os dados por vários ângulos, e tentamos responder, se não todos, pelo menos uma parte dos questionamentos que nortearam a pesquisa.

Resultados e discussão

No geral, um aluno indisciplinado seria aquele que não cumpre as normas estabelecidas pela escola. O conceito de indisciplina escolar, no entanto, é plural. Segundo Silva alguns autores distinguem em vários níveis a indisciplina, veja:

[...] perturbação que afeta o funcionamento das aulas ou mesmo da escola; conflito que afeta as relações formais e informais entre alunos, que pode atingir agressividade e violência, envolvendo, por vezes, atos de extorsão, roubo, vandalismo e etc.; conflito que afeta a relação professor/aluno e que, em geral, coloca em causa a autoridade e o estatuto do docente; Vandalismo contra a instituição escolar que muitas vezes procura atingir tudo aquilo que ela significa (SILVA, 2003, p. 10).

Atitudes indisciplinadas, como as mencionadas por Silva, coloca em questão não apenas as técnicas disciplinares utilizadas, mas também a autoridade do professor. Já a disciplina é segundo Cruz e Freitas (2011, p. 36), “[...] um mecanismo utilizado para garantir o controle dos indivíduos que compõem a sociedade”. A disciplina é, pois, um meio de controlar o sujeito, sendo as técnicas disciplinares uma forma de vigiar, fiscalizar e garantir um maior/melhor desempenho do indivíduo, funcionando essas técnicas “como um microscópio do comportamento” (FOUCAULT, 2013, p.167).

As técnicas disciplinares impostas pelas escolas

Os métodos disciplinadores encontrados nas escolas hoje são vários: fardamento, horário, posição nas carteiras, o exame, entre outros, mas há alguns que aparecem de forma camuflada. Segundo Foucault (2013, p.174), “a disciplina recompensa unicamente pelo jogo das promoções,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

que permitem hierarquias e lugares”. Os “jogos de promoções” podem ser percebidos no trecho da transcrição da aula² do professor 1 (escola A₁) abaixo:

Professor 1: *Pode responder que eu to pronto para dá o visto e, quem sabe, dá um ponto. Dependendo da sua resposta.* (Grifos nossos)

Também verificamos o “jogo de promoções” na escola A₂, no trecho da entrevista³ da aluna A.:

Aluna A.: *Tem alguns que prestam atenção nas aulas, faz todas as atividades e não causam nenhum problema né... e outros também tem não fazem, mas às vezes só faz quando os professores quando dizem que vão dar nota, os alunos querem fazer.* (grifos nossos)

Sendo assim, o professor dá os pontos ou notas quando lhe convém e o aluno faz a atividade não para adquirir conhecimento, mas para ganhar os pontos prometidos pelo professor, que é o que tem o poder de lhe aprovar, percebendo-se então a hierarquia de que fala Foucault que pode ser vista, a partir da relação professor – aluno, evidenciada acima na entrevista. Dessa forma, a figura do professor ainda dispõe de um grande poder “[...] está acima do aluno e pode julgá-lo, aprová-lo ou reprová-lo, castigá-lo ou recompensá-lo” (BITTENCOURT, 2006 p. 31).

Em entrevista⁴, o professor 1 (escola A₁), quando perguntado sobre como lida com a indisciplina, deixou transparecer uma outra técnica disciplinar, a vigilância escolar. Vejamos:

Professor 1: *Além de reclamar muito do celular, eu to usando o método de dizer que estou retirando ponto deles, [...] pego até a caderneta de uma certa forma, e mostro pra ele, que se ele não guardar o celular eu vou ter que retirar ponto e jogar ele para uma prova final, é como eu estou conseguindo controlar essa turma em não usar o celular. Digo: Olha quem eu pegar usando celular, eu vou tirar até dois ou três pontos ou até mesmo uma nota de vocês, pra que vocês consigam respeitar o professor.* (grifos nossos)

² O trecho foi retirado da transcrição de uma aula em percurso na escola A₁, a qual foi gravada e posteriormente transcrita.

³ Além da aluna A., a entrevista foi realizada oralmente e gravada com mais dois alunos, na biblioteca da escola A₁.

⁴ A entrevista foi concedida pelo professor 1 da escola A₁, em uma sala (vazia) da referida escola, momentos antes das aulas começarem.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

De acordo com Silva (2003, p. 21), “anotar o desempenho dos alunos em cadernetas ou boletins individuais, se constitui numa prática que implica em mantê-los em olhar permanente”. A caderneta se torna, então, um meio do professor dizer que está vigiando os alunos e impor respeito, como percebemos no trecho da entrevista acima, além disso, o jogo das promoções permanece e o aluno é obrigado a se comportar, para que o professor não lhe tire pontos e o jogue na final. Para Foucault (2003, p. 173), “o castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios”. Sendo assim, retirar pontos ou notas são castigos frequentes utilizados pelos professores e é uma forma de deixar claro para o aluno quem é a autoridade ali.

Outra forma de repreender os alunos é a “ameaça”. Em entrevista⁵, a professora 2 (escola A₂), quando perguntada sobre quais medidas eram tomadas com relação à indisciplina, diz que quem impõe o castigo na escola não é o professor, mas a diretoria:

Professora 2: *Com alguns deles, eles, eles... suspendem.... suspendem ou então conversa, **mandam chamar pais, ameaçam com alguma coisa, mas assim não é uma ameaça que vai agredir ou alguma coisa desse tipo, só questão da escola mesmo.** (grifos nossos)*

Vemos, então, que os professores de ambas as escolas mencionam um mesmo meio de manter a ordem, a *ameaça*, que funciona hoje como instrumento de controle dos alunos. De acordo com a professora 2, a diretoria chama para uma conversa, mas quando o aluno não obedece não tem diálogo, como forma de punição, suspende ou chama os pais. Segundo Foucault (2013, p. 173):

A punição disciplinar é, pelo menos por uma boa parte, isomorfa à própria obrigação; ela é menos a vingança da lei ultrajada que sua repetição, sua insistência redobrada. De modo que o efeito corretivo que dela se espera apenas de uma maneira acessória passa pela expiação e pelo arrependimento; é diretamente obtido pela mecânica de um castigo.

Para a professora as punições instituídas pelo diretor não têm o intuito de agredir, e tem razão, pois como Foucault aponta, o castigo é uma vingança pela norma não obedecida, e não tem o interesse de se fazer repetir, tem como função adestrar, normatizar e evidenciar para o aluno a hierarquia a que ele está submetido e não voltar a desobedecê-la, tornando-o dócil.

Outra técnica disciplinar observada é o diálogo com os pais, os quais são conscientizados

⁵ A entrevista foi concedida pela professora 2, da escola A₂, na sala de reunião da escola no intervalo de aula.



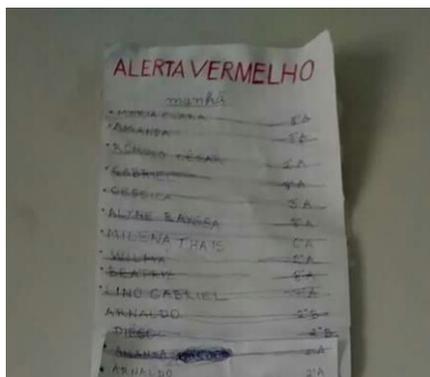
II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

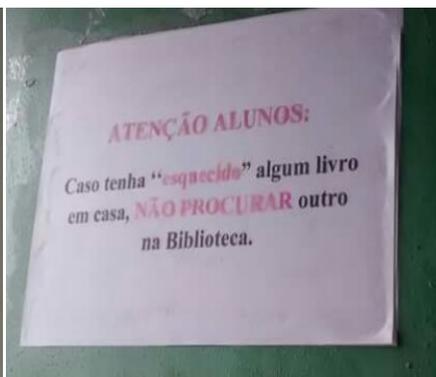
para ajudarem a escola a manter a disciplina. Quando perguntado, em entrevista, sobre as medidas que são tomadas pela escola com relação à indisciplina, o professor 1 responde:

Professor 1: *Agora no momento se fala muito, se fala muito no início do ano quando se faz a reunião é no uso do celular, **então faz uma reunião com os pais**, conscientizam os pais que os alunos não tragam o celular pra sala de aula, mas a gente não consegue controlar. (grifos nossos)*

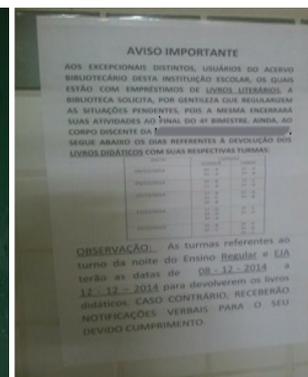
Percebemos que a conscientização dos pais nas reuniões é outro artifício usado pela escola no combate a indisciplina. Além disso, alerta e avisos, também são utilizados como mecanismos de controle, veja:



Fotografia 1- Alerta vermelho



Fotografias 2- Aviso⁶



Fotografia 3- Aviso⁷

A fotografia 1 trata-se de um alerta vermelho encontrado na biblioteca da escola A₁. Um dos funcionários da biblioteca, justificou que o motivo do alerta era devido ao fato dos alunos pegarem os livros emprestados e não devolverem, alegando estar cansado de ir à porta das salas pedi-los aos alunos. Quando em débito, o nome do aluno é posto no alerta e só é riscado quando este devolve o livro. Na fotografia 2, temos na porta da biblioteca o aviso “Atenção alunos: caso tenham ‘esquecido’ algum livro em casa, não procurar outro na biblioteca?”. Vemos então, que os alunos são proibidos de pegar livro na biblioteca caso tenham esquecido.

⁶ Fotografia 1 (alerta vermelho) e fotografia 2 (aviso): ambas encontradas na parede da biblioteca da escola A₁ e foram feitas no dia 17 out. 2014.

⁷ Fotografia de um aviso encontrado em um mural que fica no corredor da escola A₂ (um trecho do aviso foi suprimido para manter o nome da escola em sigilo). Fotografia feita no dia 1 dez. 2014.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Já na escola A₂ também foi possível encontrar aviso como estes mencionados, como podemos observar na fotografia 3, na qual há um aviso pedindo para os alunos regulamentem a sua situação de empréstimos de livros na biblioteca, caso contrário, receberiam notificações verbais.

Ao circularmos pelas escolas, avisos como estes acima mencionados são comuns e servem de certa forma como “um único olhar que tudo ver permanentemente” (FOUCAULT, 2013, p.167). Os alunos não podem dizer que não sabem das normas, porque elas estão afixadas nas paredes para que todos possam ver, funcionando os avisos como um “olhar permanente”.

Com relação ao vandalismo, percebemos na entrevista⁸ do aluno M. da escola A₁, que até um certo momento a direção impunha punições, vejamos:

Aluno M: *Chamava pra direção, pra diretoria, quando tinha um diretor realmente no colégio, isso o que uns dois três de anos atrás **pegava no pé do aluno e ia atrás, descobria quem era que fazia e dava uma suspensão de três dias e... mais alguma coisa, chamava a atenção também dos pais, se fosse no caso de aluno pequeno influenciado por maiores.** (grifos nossos)*

A punição, segundo o aluno, realmente se efetivava quando havia um diretor na escola que “pegava no pé do aluno”. O castigo era então a “suspensão”, além de chamar os pais quando o aluno era menor.

A tabela 1 abaixo sintetiza as técnicas disciplinares utilizadas pelas escolas:

Tabela 1 - métodos disciplinadores impostos pelas escolas	
Escola A ₁	Escola A ₂
Ameaça de tirar pontos ou notas	Avisos
Avisos e alerta na biblioteca	Carteiras em fileiras
Caderneta	Chamar os pais para conversar
Conscientização dos pais nas reuniões	Conversa com a diretoria
Chamar os pais para conversar	Suspensão
Suspensão	Vigilância: “a ameaça”
Vigilância	Conscientização dos pais
Jogos de promoções	Notificações verbais

⁸ Entrevista realizada oralmente e gravada com o aluno M., na biblioteca da escola A₁.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Formas resistência às técnicas disciplinares

A indisciplina é, hoje, um dos principais problemas e uma das maiores reclamações por parte dos professores, e mesmo a escola se renovando nas técnicas disciplinares impostas aos alunos, estes buscam novas formas de resistência a estas técnicas. De acordo com Bittencourt (2007, p.26), a escola:

[...] se vale de inúmeros recursos para uniformizar os alunos. Teorias pedagógicas justificam a utilização de tais recursos perante a sociedade, que espera justamente que a escola dê a todos os mesmos conhecimentos, habilidades e bom comportamento.

Sendo assim, a escola detém um poder concebido pela própria sociedade, que espera que a instituição escolar proporcione aos discentes uma educação de forma igualitária.

Dessa forma, como os discentes não foram convidados a participar da criação das normas, entram em conflito com a instituição escolar, como afirma Silva: “Observamos que as regras quase sempre partem da instituição escolar, sem a participação dos alunos e, muito menos sem levar em conta a realidade sócio-cultural que nela está inserida” (SILVA, 2003, p.9). Assim, os alunos não cumprem as regras e isso gera o que chamamos de indisciplina. Em entrevista o professor 1. (escola A₁) fala sobre a turma do 3º ano:

Professor 1: *Muitos deles não tem, muitos deles não tem... horário pra chegar. Quando geralmente é a primeira aula nessa sala, tenho dificuldade em aplicar exercício porque eles começam a chegar após às sete e vinte, às sete e meia. Como sabemos que é quarenta minutos de aula então fica difícil poder ter o controle.* (grifos nossos)

Percebemos, então, que o atraso é uma das formas de resistência do aluno à norma estabelecida pela escola, que define o horário da chegada do aluno, do início e término da aula e da saída do discente da escola. Segundo Cruz e Freitas: “Na escola, a organização ou simplesmente o controle das atividades se dá pelo rigor das técnicas e horários” (CRUZ; FREITAS, 2011, p.43), daí a necessidade de administrar os horários dos alunos.

Vejamos agora um dos maiores problemas da escola atual nas fotografias⁹ abaixo:

⁹ A fim de manter a identidade dos atores sociais em sigilo, embaçamos as fotografias.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO



Fotografia 4¹⁰ – sala de aula, escola A₁



Fotografia 5¹¹ – sala de aula, escola A₂

Se pensarmos a escola tempos atrás, o uso do celular durante a aula era impensável. Com o mundo globalizado e o desenvolvimento tecnológico, esse é um problema diário enfrentado nas escolas. Além do celular, alguns alunos na fotografia estão sem uniforme, mesmo sendo obrigatório. Há, ainda na fotografia 4, uma aluna de costas para o professor, o qual no momento faz a chamada, o que denota o desrespeito da aluna à autoridade do professor.

Outro aspecto interessante são as carteiras em fileiras. Observemos o que Paniago afirma:

Na escola, a colocação das carteiras em fileiras tinha como principal objetivo fazer com que todos ficassem sob a mira do olhar do mestre, principalmente porque sobrava espaço entre uma fila e outra para que o professor pudesse aí caminhar (PANIAGO, 2005, p.07).

Na fotografia 5, vemos que as carteiras em fileiras persistiu ao longo do tempo, mas os alunos sentam da forma que lhes convém, pois apesar das carteiras estarem em fileiras, a posição dos alunos não condiz com o que a instituição escolar requer, ou seja, dispostos de uma forma que possam ser vigiados e controlados.

Na tabela 2, verifiquemos os mecanismos de resistência dos alunos às técnicas disciplinares:

Tabela 2 - Mecanismos de resistência dos alunos às técnicas disciplinares	
Escola A ₁	Escola A ₂
Uso do celular, atrasos, não uso do uniforme, uso do Wi-Fi.	Uso do celular, não uso do uniforme, sentar em cima das carteiras.

¹⁰ Fotografia de aula em curso (o professor está fazendo a chamada) – sala de aula da escola A₁, retirada dia 07 out. 2014.

¹¹ Fotografia da aula em curso – sala de aula da escola A₂, retirada no dia 16 nov. 2014.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

As relações de poder encontradas nas escolas

Na instituição escolar as relações de poder são muito evidentes e engloba: Diretor- professor- aluno e no caso de uma das escolas até mesmo o município. A seguir, a aluna A. em entrevista diz como são as aulas e podemos perceber umas das relações de poder encontradas na escola, veja:

A.: tem professor que já chega na sala de aula e diz “boa noite” e começa “blá, blá, blá” e não diz mais nada, mas é só falar... fala, fala, fala, fala...e no final das contas a aula vai se tornando chata, porque quando a gente pede uma opinião “espera aí , que eu chego neste ponto” e nunca chega, quando a gente vai pedir uma explicação “ espera aí que eu chego nesse ponto” e nunca chega. (Grifos nossos)

De acordo com a entrevista acima, o professor permite que o aluno fale apenas quando lhe convém, pois tem o poder de fazer calar e ouvir, dar a palavra ao aluno ou retira-a e toma para si.

Outro aspecto interessante observado na escola A₁ é que, além do diretor da escola, o professor tem ainda outro vigilante, o sistema político, veja o que o professor 1 diz em entrevista:

Professor 1: *Hoje em dia quem manda nas escolas dos estados é o município,[...] tava conversando este assunto com um colega meu que ele era concursado e ele me deu até uma cutucada e falou: tem cuidado que você não é concursado é contratado, ou seja, qualquer momento que se eu quiser falar alguma coisa pra você eu não estaria habilitado porque eu poderia até ser punido com o meu contrato.(grifos nossos)*

Sendo assim, o poder disciplinar “controla continuamente os mesmos que estão encarregados de controlar” (FOUCAULT, 2013, p.170). O professor, mesmo sendo uma autoridade, passa então a ser controlado pelo município e pelo diretor, e este último pelo município, devido ao sistema hierárquico no qual está inserido.

A indisciplina ocasionada pela própria escola

Ao analisarmos as escolas A₁ e A₂, percebemos que, mesmo criando técnicas disciplinares, as escolas contribuem para a indisciplina.

É importante destacar que quando chegamos à escola A₁, a mesma se encontrava sem diretor devido a questões políticas, mas outro diretor estava para assumir o cargo. Percebemos o quão é



importante a figura do diretor na escola, é preciso “um olho que tudo vê”, produzindo o efeito do panóptico de que fala Foucault, que mesmo não estando vigiando, dá aos alunos e professores esta sensação, pois na falta deste tudo era motivo para não ter aula, veja na tabela 3 abaixo:

Escola A₁	Escola A₂
Professor que pedia aula emprestada para aplicar prova	Projeto que estava sendo realizado
Os alunos que não ficavam para últimas aulas	Gincana promovida pela escola
Viagem feita com os alunos no turno que eles tinham aula	Jogos internos
Comemoração do dia dos professores em dia letivo	
Morte do pai de um professor	

Percebemos então na tabela 3 que na escola A₁ os motivos para não ter aula foram maiores e de certa sem uma grande necessidade, talvez pela ausência de diretor. Já no caso da A₂ os motivos foram mais justificáveis. Portanto, notamos que algumas ações de ambas as escolas influenciaram na trajetória das aulas. Vejamos no trecho da entrevista do professor 1, outro meio pelo qual a escola “incentiva” a indisciplina dos alunos:

Professor 1: *Você, talvez seja por inocência talvez não tenha ainda o conhecimento é o Wi-Fi, que a escola não tinha antes e agora tem. Então, a gente consegue ver aluno em sala de aula completamente é... deslocado [...] não se concentra na aula para aquele minuto tocar e ele sair já pro pátio pra usar o Wi-Fi.*

Sendo assim, apesar da escola exigir do aluno a disciplina, ao proporcionar “benefícios” como estes mencionados acima, acabam gerando o que ela não requer dos alunos: a indisciplina. Nas observações das aulas, percebemos o atraso, a saída constante da aula e a inquietação dos alunos de que fala o professor.

Vemos, então, o quão a escola é de certa forma conivente com a indisciplina ao tornar possíveis, ações que colocam em jogo a ordem estabelecida por ela própria.

Conclusão



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O problema da indisciplina escolar e a dificuldade em lidar com ela como podemos notar, é grande, porém percebemos que a escola tenta manter o controle a partir de algumas técnicas disciplinares nem sempre obedecidas pelos alunos, mas que em alguns momentos funcionam. O professor faz o que pode e a escola de certa forma está à mercê de um sistema político e econômico que dita às regras para ela, sem levar em consideração um de seus maiores papéis, que é formar cidadãos. Nesse jogo hierárquico, a escola vem se mantendo, não em função do aluno, mas em função do sistema, já que “é normal que se mudem os professores ou as arquiteturas da escola, mas o intuito de formar massas de manobra para o mundo capitalista permanece” (CRUZ; FREITAS, 2011, p.48).

Sendo assim, a palavra não é dada ao aluno, e o professor, quando tem o poder de oferecê-la, só dá quando lhe convém. Por outro lado, é preciso a efetivação do poder do governo, do diretor e do professor, pois sem esse “olho que tudo vê”, não haverá ordem, e se não houver uma hierarquia, ordens a ser dadas e cumpridas, não haverá uma disciplina e tudo que se vier a planejar corre risco de não dá certo. O que falta é o verdadeiro compromisso das pessoas que estão nas instâncias de poder, assim como se efetivar o papel do intelectual, que é de acordo com Foucault (*apud* CRUZ; FREITAS, 2011, p.48) “[...] mostrar aos interessados, o que está acontecendo, alertá-los da maquinaria em que estão envolvidos, formando, assim, pessoas abertas para mudança”.

Referências

BITTENCOURT, Letícia Porte. **Foucault e a educação**: Libertação ou controle? **RESAFE**: Revista Sul-americana de Filosofia e Educação, n. 6-7, p. 25-35, abr. 2007.

CRUZ, Priscila A. Silva; FREITAS, Silvane Aparecida de. Disciplina, controle social e educação escolar: Um breve estudo à luz do pensamento de Michel Foucault. **LEVS**: Revista do Laboratório de Estudos da Violência da UNESP, Marília, ed. 7, p. 36-49, jun., 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: História da violência nas prisões. Tradução de Raquel Ramallete. 41.ed.Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

PANIAGO, Maria de Lourdes Faria dos Santos. Vigiar e punir na escola: a microfísica do poder. **Intinerariusreflectionis**: Revista Eletrônica de Educação do Curso de Pedagogia do Campus Avançado de Jataí da Universidade Federal de Goiás, Jataí, v.1,n.1,jan-jul, 2005.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

SILVA, Luciana Leite. **Indisciplina na sala de aula.** 42f. Monografia (especialização) – Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2003.